



O PRETO FOSCO NA CIDADE: A PICHANÇA COMO APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS E INTERPELAÇÃO DOS DISCURSOS PATRIMÔNIAIS.

MARQUES, Bruno Strohmeier

*Aluno de mestrado do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedades da
Universidade da região de Joinville - UNIVILLE
bpcontraparte@gmail.com*

MACHADO, Diego Finder

*Aluno de doutorado do Programa em História do Tempo Presente da
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
diego_finder@yahoo.com.br*

COELHO, Ilanil

*Professora do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedades da Universidade da
Região de Joinville - UNIVILLE
ilanilcoelho@gmail.com*

66

RESUMO

Este artigo possui como temática central o estudo de pichações como marcas do espaço praticado, o problema da investigação recai sobre de que forma este uso da cidade se entrecruza com o atual formato de preservação do patrimônio cultural, interpela discursos e aciona um olhar sensível a uma cidade vista de dentro. Os atos cotidianos acabam por evidenciar usos que podem vir a ser problematizados pelos historiadores, trazendo à tona maneiras diversificadas, autorizadas ou não, pela qual a cidade é vivida e experimenta pelos seus habitantes.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Pichação; Vandalismo.

ABSTRACT

The focus of this article is the study about sprayed marks practiced space, the problem of research is on how this use of the city intersects with the current cultural heritage preservation format , challenges speeches and triggers a sensitive look at a city view from inside . The daily acts eventually show uses that may be problematized by historians , eliciting diverse ways , authorized or not , for which the city is lived and experienced by its habitants.

Key-Words: Cultural Heritage; Graffiti; Vandalism.



A história começa no nível do chão, com passos.
Michel de Certeau

Caminhar pela cidade pode ser um exercício fascinante para quem se propõe ao estudo do urbano na contemporaneidade, ou no mínimo um desafio um tanto quanto perturbador pela possibilidade de leitura das mais variadas narrativas que compõem a polifonia das diversas vozes que se sobrepõem em camadas nas cidades, narrativas que ora se conectam e ora se distanciam e que, em seu arranjo no cotidiano urbano, provocam nossos sentidos para a experimentação de harmonias consonantes e dissonantes. Atentos às dissonâncias em relação à cidade representada pelos desejos de ordenação da vida urbana, temos nos deparado, quase que a todo o momento, com a sobreposição de marcas que insinuam práticas singulares que subvertem uma determinada ordem estética. Compactuamos, assim, com o interesse do historiador francês Michel de Certeau de “seguir alguns destes procedimentos multiformes, resistentes, ardilosos, e inflexíveis que se esquivam à disciplina sem estar fora do campo onde ela se exerce” (CERTEAU, 1994, p.27). Procurando interpretar a irreverência cotidiana do homem comum de burlar sistematicamente a disciplina disseminada pelos complexos urbanos, alimentamos, assim, um desejo de analisar as relações que se estabelecem entre os pichadores e os complexos urbanos no diálogo com as narrativas suscitadas pelos bens culturais patrimonializados.

Atentar à pichação e ao patrimônio cultural é, antes de tudo, um desafio que implica a aproximação com o estudo de disciplinas que se estruturam em rede, possibilitando a investigação interdisciplinar dos vestígios históricos a partir de uma gama de conceitos e interpretações diversas apropriadas ao objeto de pesquisa. Estender o olhar à escuridão da contemporaneidade (AGAMBEN, 2009) e tentar interpretar os percursos, usos e apropriações que os transeuntes exercem sobre a cidade possibilita a interpretação de um viés histórico ligado aos *usos táticos*¹ dos espaços urbanos. Através destes, o fraco

¹ Michel de Certeau define como tática “a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece condição de autonomia. (...) a tática é o movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo... e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global e nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável.



consegue se embrenhar em meio à selva urbana, usurpar suas normas e *profanar* (Cf. AGAMBEN, 2007) os espaços legitimados pelo poder. Sendo assim, não partimos da análise e interpretação dos dispositivos de controle, direcionamos o nosso olhar aos possíveis usos do espaço, à inventividade do homem comum e, conseqüentemente, às marcas que deixa em meio ao complexo urbano.

Levamos em conta as prerrogativas de Maffesoli (2014, p.18), para quem “o ‘divino’ social toma corpo por intermédio de uma emoção coletiva que se reconhece em tal ou tal tipificação”, a formulação de uma comunidade sensível de pichadores, que possuem a singularidade de perceber a cidade como um grande suporte para as suas marcas, ocorre no ato de se identificarem sensivelmente com o meio urbano utilizando do ato vandálico como uma forma expressão. Um dos mecanismos que utilizamos para interpretar as relações entre os pichadores e a cidade leva em conta os atuais espaços cibernéticos, bem como os fluxos comunicacionais em rede que possibilitam aos historiadores novas formas de interpretação das narrativas que se constroem nestes espaços. Levando em conta que as pichações já possibilitam um formato de comunicação em rede e “um tecido infinito de operações” (DUARTE, 2009, p.3), onde o pichador se conecta à cidade e aos transeuntes através de suas marcas, a possibilidade da inserção no espaço cibernético potencializa o alcance bem como a troca de experiências entre os pichadores. Desta forma, nos dedicamos à análise das imagens e comentários realizados no grupo “JLLE DO RETO”², hospedado na rede social Facebook destinada à troca de informações, fotografias e experiências entre pichadores de Joinville.

Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (CERTEAU, 1994 p. 94-95).

² O grupo possui acesso restrito, sendo aberto apenas a pessoas conhecidas e que possuam algum envolvimento com a pichação.



Imagem 1 - “A visão privilegiada de um dedo sujo”.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 14/07/2014. Foto por: Supro³.

Uma imagem chamou nossa atenção. Mesmo não ostentando a presença de uma pichação emblemática carregada de um profundo senso crítico, o que propiciaria um amplo debate sobre a relação entre os discursos históricos suscitados na cidade e a irreverência dos pichadores, esta imagem, intitulada pelo seu ator como “A visão privilegiada de um dedo sujo”⁴, retrata o olhar de um pichador sobre a cidade. Em sua escalada para concretizar o “picho”, produz o registro de um olhar alternativo, possível apenas deste lugar particular. Levando em consideração o alto risco no ato de escalar a caixa d’água de uma escola no meio da madrugada, verificamos que o pichador arriscou a

³ Optamos por relacionar a imagem a tag utilizada pelo pichador, pelo fato da mesma simbolizar um ato criminoso, desta forma mantivemos sigilo em relação ao nome do pichador.

⁴ O termo “dedo sujo” configura-se como uma expressão criada pelos próprios pichadores para se referirem aos praticantes da pichação.



sua vida não apenas para deixar uma marca, mas também para compartilhar suas sensações a partir de uma fotografia.

Chamamos a atenção a dois pontos a partir da imagem, a intencionalidade no registro de sua prática e a relação sensível que se estabelece no olhar do pichador com a cidade. O primeiro nos conduz a pensar as potencialidades da comunicação da pichação, onde um pichador, no ato de concretizar seu feito, sente a necessidade em compartilhar não só o seu “picho”, mas também a sensação de satisfação em poder olhar a cidade do topo, mesmo que de forma transgressora. Ainda que arriscando a sua vida, ele percebe, no ato de grafar o seu nome no topo de uma caixa d’água, certo privilégio em relação a quem não faz parte deste grupo.

Russi Duarte (2009, p.3) aponta para a “tensão decorrente da falta de espaço para ‘dizer’ como sendo uma das características que mais apropriadamente define as pichações”. O autor apresenta esta tensão como uma das potencialidades reflexivas para se problematizar a pichação, como se a existência de dizeres nos muros fossem fruto da impossibilidade de espaços concretos para a expressão de sentimentos e sentidos sobre o cotidiano. Entretanto, a partir da imagem reportada, podemos refletir sobre a existência de outros elementos que atravessam esta prática, principalmente referente a relação que se estabelece entre o pichador e a cidade. Se a prática é considerada, de fato, um ato de privilégio que possibilita um momento único e exclusivo na vida de um sujeito, ela expressa não apenas uma ocasionalidade em que um jovem excluído de mecanismos comunicacionais se utiliza dos muros como transgressão de uma disciplina imposta, mas evidencia um formato singular de interação entre o sujeito e a cidade, onde a sua identificação com os espaços urbanos é deflagrada pela presença de sua marca.

Pensar que a pichação pode se resumir a ser explicada pela ausência de espaços de “dizer” pode ser posta em cheque. O espaço cibernético, teoricamente um espaço onde o jovem pode afirmar e declarar abertamente seus sentimentos e experiências de vida, não suprime a prática do “picho”, mas sim potencializa o compartilhamento de vivências. A pichação e a utilização do ciberespaço auxilia na “construção de uma reputação, aparte de



um ato de violência sobre um objeto, nos importa sua execução e a sua representação” (SÁNCHEZ; GRACIA, 2009 p.13, tradução livre).

O segundo ponto se estabelece no campo da possibilidade de entrada numa cidade diversa, protagonizada por aqueles que se apropriam de seus muros como um suporte comunicacional e deixam suas marcas nas madrugadas. A sensibilidade no olhar e na interpretação, nos dá artifícios para compreender um espaço do avesso, este visto pelo pichador do topo de uma caixa d’água. Marcas e sentimentos se revelam no âmbito da subjetividade humana, deflagrando a presença de fantasmas de um passado recente que suscitam outros usos do urbano, reivindicam discursos variados e abrem espaço para interpretações de sentidos múltiplos da história. Cabe ao historiador então a tarefa de:

encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. (PESAVENTO, 2004)

Desta forma mais do que simplesmente uma atitude de vandalismo, de descuido e desrespeito com a cidade, a pichação pode possuir um sentido histórico, uma forma de se relacionar com a urbe e com o patrimônio. Não nos propomos neste artigo escrever uma apologia à pichação, entretanto, a parte que nos cabe é interpretar estas marcas a partir de um olhar mais sensível e visualizar suas possibilidades discursivas e formas singulares de relação com a cidade. Sandra Pesavento (2004) entende esta sensibilidade como:

uma outra forma de apreensão do mundo para além do conhecimento científico. As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo (PESAVENTO, 2004)

Assim, percebemos que a pichação pode ser considerada um elemento comunicacional urbano, onde o pichador se utiliza dos muros da cidade como um suporte para estabelecer uma relação com os transeuntes e com o próprio meio urbano. Ao se



inserir nesta relação “polifônica” (CANEVACCI, 2011), transmuta o sentido do próprio suporte e:

irrompe o “habitual”, transformando o homogêneo em diferente, isso entendido pela experiência semiótica (semiose), a intervenção – interação – se dá na forma de ação que deforma, modifica e altera, produzindo novos significados pela relação signo-objeto-interpretante no encontro com a heterogeneidade; i.e., aquilo que se apresenta (signo) a uma mente (DUARTE, 2009, p.5)

Sendo assim, nos atentamos aos escritos de Mukarovsky sobre estética para compreender os efeitos que a pichação tem sobre a cidade. Para o autor, o conceito se compreende na “ciência que estuda a função estética, as suas manifestações e os seus portadores” (MUKAROVSKY, 1988, p.119). Justamente esta função se dá a partir da atitude que o sujeito estabelece perante a realidade. Nessa perspectiva, o autor define este ato como uma “prática perante a realidade, o que nos interessa é a influência imediata que sobre ela exercemos. O sentido da nossa atividade? consiste em mudar, de algum modo, a realidade, intervindo nela” (MUKAROVSKY, 1988, p.121). Portanto, o efeito estético tem uma profusão direta na realidade, tanto no ato de criação quanto no de recepção e é uma formulação dialógica entre o ser que constitui uma mensagem e a mente intérprete.

Massimo Canevacci (2011), atento as transformações da cidade contemporânea, irá nos trazer reflexões sobre as redes comunicativas do que ele chamou de “Cidade Polifônica”, um estado onde construções e sujeitos se interconectam mediante um emaranhado comunicacional:

Delineia-se assim [...] uma cidade que se comunica com vozes diversas e todas copresentes: uma cidade narrada por um coro polifônico, no qual os vários itinerários musicais ou os materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem, obtendo harmonias mais elevadas ou dissonâncias, através de suas respectivas linhas melódicas (CANEVACCI, 2011, p.15)

Desta forma, a pichação através de seu efeito estético constitui-se integrada na trama comunicacional da cidade e pode ser compreendida como um elemento dialógico tanto do seu autor com a urbe, quanto da superfície onde são aplicadas com a cidade e os outros sujeitos. Compreendemos, assim, que este tipo de intervenção urbana se constitui em uma



narrativa acerca da cidade, bem como sua presença deflagra indícios de usos diversos de um meio urbano habitado.

A prática da pichação se enquadra nas atividades de vandalismo, ou seja, é considerada uma “Destruição deliberada do patrimônio cultural” (CHATZIGIANNIS, 2013, p.183, tradução livre), enfeia a cidade e é interpretada como uma atividade inconseqüente de um grupo de transgressores da lei. Para Chatzigiannis (2013, p.185) “O conceito de contexto é crucial para interpretação dos eventos históricos”, visto que ele “É formado por ideias sócio-políticas de uma determinada sociedade e constrói um valor comum.” (CHATZIGIANNIS, 2013, p.185).

Este contexto vai influenciar o olhar que se atribui ao ato de destruição. O que diferencia a prática estabelecida na imagem clássica onde um militante picha um prédio com a frase “abaixo a ditadura” e as reivindicações pichadas pela cidade em meio às manifestações de Julho de 2013 contra o aumento da tarifa do transporte público em São Paulo, se não o contexto em que elas estão inseridas? Sendo que a primeira é atualmente é utilizada de forma positiva para representar o combate à ditadura e a segunda representa, para muitos, atitudes de vandalismo que depreciam os movimentos de Junho/13. Da mesma forma que para Chatzigiannis, os atos contra as edificações que fortaleciam o antigo regime e a URSS de Stálin são hoje, em um contexto novo, legitimadas como atividades de contestação de um poder retrógrado. A inserção das políticas urbanas em uma lógica de *enobrecimento*⁵ do patrimônio cultural faz com que as práticas de inserção de um sujeito através da pichação seja amplamente questionada e duramente recriminada pelos dispositivos do Estado. Desta forma, torna-se necessária a problematização sobre a pichação, procurando compreender suas motivações e as sensibilidades que permeiam esta forma de apropriação dos espaços urbanos.

⁵Para Leite o termo consiste “em um tipo específico de intervenção urbana que altera a paisagem urbana através da acentuação ou transformação arquitetônica com forte apelo visual, adequando a nova paisagem às demandas de valorização imobiliária, de segurança, ordenamento e limpeza urbana voltadas ao uso ou reapropriação por parte das classes médias e altas, que resulta em espaços com forte inflexão segregacionista mediante demarcações sócio-espaciais que fomentam a fragmentação do espaço em diferentes lugares” (LEITE, 2009 p.3)



Em uma incursão pela cidade de Joinville, buscamos fotografar locais patrimonializados que sofreram atos de vandalismo com o intuito de produzir interpretações sobre os vestígios, entrecruzando fontes e bibliografias. Ao nos depararmos com o Cemitério do Imigrante refletimos sobre o que parecia mais ser um “laboratório do vandalismo”. As pichações, como vestígio de um meio habitado, levava a evidencia da presença de sujeitos naquele local para a prática de diversas atividades, possivelmente noturnas, em que as pichações formavam camadas de vandalismo de diferentes temporalidades, o que destoava da composição estética tradicional do espaço.

Assim como as lápides buscavam eternizar a presença de pessoas que um dia caminharam sobre a superfície terrestre, a pichação eterniza (pelo menos até o seu apagamento) a presença de sujeitos que demarcam sua presença naqueles espaços. Em uma atividade territorializante comungam com aqueles que edificam monumentos o desejo pela lembrança. Se para Canclini:

O grafite é [...] uma escritura territorial da cidade, destinada a afirmar a presença e até mesmo a posse sobre um bairro. As lutas pelo controle do espaço se estabelecem através de marcas próprias e modificações dos grafites de outros. Suas referências sexuais, políticas ou estéticas são maneiras de enunciar o modo de vida e de pensamento de um grupo que não dispõe de circuitos comerciais, políticos ou dos mass media para expressar-se, mas que através do grafite afirma seu estilo. Seu traço manual, espontâneo, opõe-se estruturalmente às legendas políticas ou publicitárias ‘bem’ pintadas ou impressas e desafia essas linguagens institucionalizadas quando as altera. O grafite afirma o território, mas desestrutura as coleções de bens materiais e simbólicos (CANCLINI, 2013, p.336-337)

O ato de demarcarem nomes, apelidos ou referências a sujeitos deflagra uma necessidade de evidenciar a passagem de um sujeito que quer ser lembrado naquele ambiente e utiliza os mais variados suportes para exercer este desejo. Ao subirmos até o ponto mais alto do cemitério, nos deparamos com aquilo que pode ser considerado referência máxima de lembrança do espaço, um monumento em homenagem aos primeiros imigrantes “pioneiros” que ali estão enterrados. Entretanto que entendimento este monumento toma na contemporaneidade? Ao ser completamente pichado, os mortos



passam a dividir espaço com os vivos que se utilizam do cemitério para outros fins, o que é uma convivência própria da sociedade contemporânea onde tempos distintos convivem entre sujeitos e patrimônio. Essa relação é expressa em um monumento que se apresenta em camadas, e que as tentativas de não se esquecer de um passado seletivo divide espaço com as contingências cotidianas dos sujeitos comuns.

Imagem 2 - Cemitério do Imigrante.



Fonte: Acervo pessoal do autor (07/08/2014). Foto por: Bruno Marques

Ainda nas pistas de interpretar pichações que se estabelecem em uma relação dialógica com as narrativas históricas da cidade, nos deparamos com uma intervenção realizada nos muros da “Cidadela Cultural Antártica” em Joinville. Diferente das anteriormente analisadas, esta pichação possui um sentido semântico explícito. Obviamente ela simboliza a passagem de um sujeito desconhecido pelo espaço profanado, entretanto a pichação não demarca apenas a presença de um pichador no espaço, mas também um sentido narrativo que não interpela um patrimônio cultural em si, mas um discurso histórico produzido em meio à cidade.

Os dizeres “Nascer, trabalhar, morrer” e “outro mundo é possível” grafados nos muros da cidadela, implicam em uma crítica às lógicas organizacionais de uma cidade supostamente voltada para o trabalho. Diego Finder Machado afirma que através do



processo pedagógico das festividades do sesquicentenário o processo linear da história joinvilense levaria todos os seus moradores a um futuro grandioso. Desde os primeiros imigrantes que ergueram a cidade a partir do nada até a tentativa de “impelir as pessoas a tentar superar este passado de agruras na construção de um mundo melhor para se viver, que se imaginava em um pensamento bastante otimista, possível em tempos futuros” (MACHADO, 2009, p.95), buscou-se constituir uma narrativa, onde a grandeza da cidade se daria pela entrega disciplinar ao trabalho duro.

O ato vandálico evidencia como as narrativas que atravessam os monumentos históricos podem ser interpeladas pela ação do homem comum, que se apropria muitas vezes dos antigos discursos históricos e através de sua intervenção atribui um sentido que para o interventor represente melhor uma fala possível. Fica evidente que para o pichador os monumentos que construíram uma narrativa pedagógica (MACHADO, 2009) não fazem coro as memórias e vivências protagonizadas por ele em meio a cidade. Homogeneizar a problemática do vandalismo é desconsiderar as invenções cotidianas do sujeito comum, suas reivindicações e desejos.

Assim, a intencionalidade discursiva acionando heranças culturais que tem como base a lógica do trabalho, pode ser posta em cheque a partir do momento em que uma intervenção urbana nos evidencia sujeitos que não foram assujeitados por este discurso. A pichação é novamente um sintoma de uma cidade praticada de outra forma, onde uma parede não representa apenas um mecanismo para separar aqueles que estão dentro de um determinado espaço daqueles que estão do lado de fora, mas espaço de divulgação de ideias e elemento comunicacional de memórias de pichadores. Em sua profusão estética esta pichação busca evidenciar uma memória não retratada nos patrimônios da cidade, suscitando a crítica diante de vivências, cuja única lógica entre o nascer e o morrer é a do trabalho, bem como evidenciar a possibilidade de existência de um formato organizacional novo, uma nova possibilidade de mundo, que subverta a lógica do trabalho e da disciplina.



Imagem 3 – “Nascer, trabalhar morrer e Outro Mundo é possível”



Fonte: Acervo pessoal do autor (12/08/2014) foto de: Bruno Marques.

A apropriação dos monumentos configura-se como uma apropriação em nível tático, ou seja, desprovido de um espaço instrucional ou próprio, o sujeito busca na inventividade do cotidiano linhas de fuga para as disciplinas impostas e as apropriações de nível tático se adentram no campo demarcado pela disciplina e subvertem a lógica proposta. Desta forma, a narrativa que atravessa o monumento, enquanto uma prerrogativa institucional que deflagra uma intenção política, é fundamental para se compreender a fundo a intencionalidade e a forma que as narrativas históricas são interpeladas pelos sujeitos do cotidiano que taticamente buscam uma identificação maior com o espaço que permeiam.

Retornamos a Michel de Certeau em seus apontamentos as manifestações que desestabilizaram Paris durante o Maio de 68, o historiador envolvido pelo turbilhão que pairava sob a França, acentua principalmente a importância simbólica que as revoltas terão sobre o país:



Revolución simbólica, pues, sea a causa de lo que significa mas do que lo hace, sea la causa do que impugna las relaciones para crear otras, las auténticas. además el símbolo es la indicación que afecta todo el movimiento en su práctica e en su teoría (CERTEAU, 1995 p.32)

A interpretação nos leva a crer que as ações de pichadores podem elucidar narrativas nos campos simbólicos, ao interpelarem e se apropriarem dos espaços patrimonializados e ao questionarem e burlarem as normativas institucionais. Os pressupostos de uma bonança homogênea patrimonial são questionados a cada ato vandálico, que simboliza muito mais do que a ação real, assim como as atividades protagonizadas nas manifestações de 68 interpelaram as instituições francesas e possuíram um significado muito mais profundo do que aparentavam. O valor simbólico de um ato vandálico é carregado de memória e desejos, de identificações e relações (muitas vezes afetivas) com o espaço.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEM, Giorgio. Elogio da Profanação. In: _____. *PROFANAÇÕES*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2013.

CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica: Ensaio Sobre a Antropologia da Comunicação Urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 2011.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, ed.20, 2013.

_____. Una revolución simbólica. In: *La tomada de la palabra y otros escritos políticos*. Mexico: Universidad Iberoamericana, 1995.

_____. Andando na Cidade In.: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Nº 23, 1994.



CHATZIGIANNIS, Dimitrios. Rethinking Vandalism: Alternative Interpretations of Deliberate Destruction of Cultural Heritage. *E-conservation the online magazine*. no. 25, p. 182 – 195, spring 2013.

DUARTE, Pedro Russi. *Estética comunicativa das pichações*. In: XVIII ENCONTRO DA COMPÓS, 18. 2009, Belo Horizonte. Artigo.

LEITE, Rogério Proença. Cultura urbana contemporânea y el patrimonio ennoblecido. In.: *Asociación Latino-americana de Sociología - ALAS*. Buenos Aires, 2009.

MACHADO, Diego Finder. *Redimidos pelo passado? Seduções Nostálgicas em uma Cidade Contemporânea. (Joinville, 1997-2008)*. Dissertação: - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

_____. Sensibilidades em Confronto: o vandalismo contra o patrimônio cultural em cidades no tempo presente. In: *Anais do 2º SIMPÓSIO DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE*. Florianópolis: 2014.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: O Declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

MUKAROVSKY, Jan. O Significado da estética. In.: _____. *Escritos sobre estética e semiótica da arte*. Lisboa: Estampa, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades*. In.: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>, 2004. (Acessado em: 26/08/2014)

SÁNCHEZ, Mario Jordi; GRACIA, Francisco Aix. *El vandalismo como fenómeno emergente em lãs grandes ciudades andaluzas*.